



SARAH MACLEAN

Autora Vencedora do Prémio RITA
Melhor Romance Histórico



SALVA *por um* ESCOCÊS

TOP
SEL
LER

Se procura conselhos amorosos,
peça-os a um escocês.



Para as raparigas escandalosas.

Escândalos & CANALHAS

Vol. 2 / Edição 1 Domingo, 9 de maio de 1834



A PUPILA MALUCA DE WARNICK

OUVIMOS de fonte fidedigna que os jogadores de St. James estão a apostar que um certo duque retornou a Londres para lembrar à sua pupila — que já não é nenhuma criança — que os mexericos que ela gera não o ajudam em nada.

O Duque de Warnick aproveita o fresco da primavera para desempenhar o papel de casamenteiro com a menina Lillian Hargrove, agora conhecida como MUSA por todos os que ouviram (ou, melhor ainda, que viram!) falar da pintura promíscua que escandalizou a sociedade e fez o CANALHA ESCOCÊS viajar para o Sul! Espera-se muita agitação com a chegada do Demónio das Highlands (e Falso Duque). Só podemos concluir que a primavera trará mais tecido axadrezado para a cidade... e para a sociedade.

MAIS NOTÍCIAS EM BREVE.

Prólogo

DEVASTAÇÃO DUCAL! DOZE DIAS DE ESCURIDÃO E MORTE

Março de 1829

O ilustríssimo Bernard Settlesworth acreditava que o nome era uma questão de destino.

De facto, sendo o terceiro de uma linhagem de advogados da aristocracia, era difícil que não acreditasse nisso. Bernard tinha imenso orgulho no seu trabalho, que executava com afincos praticamente todos os dias do ano. Afinal, dizia ele para si mesmo, a aristocracia britânica sustentava-se com o trabalho duro de homens como ele. Sem os Bernard Settlesworth do mundo para organizar registos contabilísticos e administrar propriedades enormes com grande competência, a Câmara dos Lordes desabaria, sem deixar nada além do pó das linhagens e das fortunas ancestrais.

Ele fazia o trabalho dos lordes, assegurando que a aristocracia permanecia de pé. E financeiramente saudável.

E embora ele se orgulhasse de todos os aspetos do seu trabalho, não havia nada de que Bernard gostasse mais do que de se reunir com herdeiros recentes, pois era nesses momentos que ele fazia o que sabia melhor: atribuir valores.

Quer dizer, Bernard gostava dessa parte do trabalho até à tragédia se abater sobre o ducado de Warnick.

Dois marqueses. Seis condes e baronetes diferentes. Um cavalheiro proprietário de terras e os seus três filhos. Um vigário. Um capitão de navio. Um chapeleiro. Um criador de cavalos. E um duque.

Perdidos numa sucessão de tragédias que incluiu — mas não se limitou a — um desastre de carruagem, um acidente de caça,

um roubo com consequências trágicas, um afogamento no Tamisa, uma gripe com um resultado infeliz e um incidente bastante perturbador com um pássaro.

Dezassete duques, para ser honesto, pensou Bernard. Todos mortos. Num período de duas semanas.

Foi uma sequência de acontecimentos — 17 no total — jamais vista na história britânica. Mas Bernard era apenas um profissional dedicado, ainda mais quando recaía sobre ele o papel de protetor de um título tão antigo e venerável, incluindo as suas vastas terras (ainda mais vastas na sequência das mortes sucessivas e rápidas de 17 homens, vários dos quais morreram sem deixar herdeiros) e a sua enorme fortuna (tornada ainda maior por esse motivo).

E foi nesse contexto que Bernard Settlesworth se viu diante do grande portal de pedra do Castelo de Dunworthy, a sentir o frio e o vento selvagem da Escócia, frente a frente com Alec Stuart, antes 17.º na linha de sucessão do ducado de Warnick e agora o único herdeiro conhecido do título.

«Frente a frente» não era exatamente como ele poderia descrever a situação. Depois de ser recebido por uma bonita jovem, Bernard foi deixado à espera, rodeado por enormes tapeçarias e um punhado de armas antigas que pareciam ter sido presas à parede sem grande cuidado.

E ele assim esperou. E esperou.

Depois de três quartos de hora, apareceram dois cães grandes, maiores do que quaisquer outros que ele já vira. Animais cinzentos e selvagens, que se aproximaram com movimentos enganosamente preguiçosos. Bernard encostou-se à parede de pedra, na esperança de que eles decidissem procurar outra vítima mais apetitosa, mas não. As feras sentaram-se aos seus pés, com as cabeças peludas quase a alcançar-lhe o peito, e sorriram para Bernard, certamente a pensar que o advogado devia ser muito apetitoso.

Bernard não gostou daquilo. De facto, pela primeira vez na sua carreira, ele considerou a possibilidade de a advocacia não ser uma profissão assim tão agradável.

E então o homem chegou. Tinha cabelos castanhos e aparentava ser mais selvagem do que os cães e maior do que a casa. Bernard nunca tinha visto um homem tão grande — mais de dois metros,

calculou ele, e a pesar possivelmente uns 120 quilos, distribuídos pelo corpo largo e musculoso, sem um grama de gordura.

Bernard pôde constatar isso porque o homem estava sem camisa. Na verdade, também não usava calças. Trajava um *kilt* e trazia uma espada de lâmina larga.

Por um momento Bernard perguntou-se se teria viajado no tempo e no espaço, na sua jornada pela Escócia. O ano, afinal, era 1829, mas aquele escocês fazia parecer a Bernard que tinha chegado três séculos antes.

O homenzarrão ignorou-o e atirou a espada à parede, onde ela ficou, como que presa apenas pela vontade do dono — o mesmo dono que virou costas a Bernard e fez menção de sair.

Bernard pigarreou, fazendo um som que ecoou mais alto do que ele pretendia naquela enorme entrada de pedra, suficientemente alto para fazer aquele gigante virar-se e lançar um olhar penetrante na direção do advogado — que mais parecia um anão em comparação com o senhor do castelo.

— Quem é o senhor? — perguntou ele, após um longo silêncio.

Pelo menos foi o que Bernard pensou ter ouvido. As palavras saíram carregadas na língua do homem, envoltas num pesado sotaque escocês.

— Eu... eu... — Bernard tentou recompor-se e desejou parar de gaguejar, apesar de estar cercado de feras caninas e uma humana. — Estou à espera de uma reunião com o dono da casa.

O homem emitiu um som grave que Bernard imaginou ser uma manifestação de divertimento.

— Cuidado! Estas pedras não vão gostar de o ouvir dizer que elas têm um dono.

Bernard pestanejou várias vezes. Ele tinha ouvido histórias de escoceses loucos, mas não esperava encontrar um. Talvez ele não tivesse entendido bem no meio daquela confusão de erros enrolados e sílabas perdidas.

— Perdão? — proferiu o advogado confuso.

O homem perscrutou-o por um longo momento.

— O meu perdão ou o do castelo?

— Por... — Bernard não soube o que responder. Ele não ia pedir desculpa ao castelo, ou ia? Então inclinou a cabeça e perguntou.

— O Sr. Stuart está?

O homenzarrão deu um passo atrás e Bernard teve a clara sensação de que o seu óbvio constrangimento agradava àquele brutamontes. Como se não fosse ele que deveria estar constrangido, a andar assim, seminu, pelo castelo.

— Está.

— Estou à espera dele há quase uma hora — disse Bernard, e os cães, sentindo a sua irritação, puseram-se de pé, claramente ofendidos com aquilo. Bernard engoliu em seco.

— *Angus. Hardy.* — No mesmo instante os animais recuaram para o lado do dono.

E foi então que Bernard se apercebeu, e encarou o homem seminu à sua frente.

— O senhor é o sr. Stuart.

— Sou, mas você ainda não me disse quem é.

— Alec! — A voz de uma jovem ecoou pelo castelo. — Está aqui um homem que disse ser um advogado de Londres!

O novo Duque de Warnick não desviou os olhos de Bernard enquanto respondia, elevando a voz:

— Ele também disse que está à minha espera há uma hora.

— Imaginei que nada de bom poderia vir de um advogado chique de Londres — declarou a voz feminina. — Porque é que eu te incomodaria no meio do teu treino?

— Porquê, não é mesmo? — respondeu o escocês. — Perdão. A minha irmã não gosta de ingleses.

Bernard anuiu com a cabeça.

— Há algum lugar onde possamos conversar em particular?

— Como eu gosto ainda menos de ingleses do que a minha irmã, não precisamos de fazer cerimónia. Pode dizer aqui mesmo o motivo da sua visita. E depois pode ir-se embora.

Bernard imaginou que a visão que aquele homem tinha da Inglaterra iria mudar um bocado depois de descobrir que se tinha tornado um nobre do reino. Um nobre extremamente rico.

— Claro que sim. É com grande prazer que eu lhe anuncio que, há precisamente 12 dias, o senhor recebeu o título de Duque de Warnick.

Ao longo da sua carreira, Bernard testemunhou todo o tipo de reação ao dar a notícia de heranças. Presenciou a devastação daqueles que tinham perdido pais amados e reconheceu a avidez no rosto

dos que não amavam os seus progenitores. Testemunhou o choque de herdeiros distantes e a alegria daqueles cuja sorte mudava num piscar de olhos. E, nos momentos menos agradáveis, Bernard também presenciou o devastador fardo da herança — quando um nobre recém-intitulado descobria que o título vinha acompanhado apenas de uma dívida incapacitante.

Contudo, nos mais de 20 anos em que servia as camadas superiores da aristocracia, Bernard nunca se deparara com a apatia.

Até àquele momento, em que o escocês que o tinha feito cruzar um país para lhe dar a notícia disse com muita calma:

— Não — disse, virando-lhe as costas e encaminhando-se para a saída, com os cães atrás de si.

— Vossa... Vossa Graça?... — Bernard gaguejou, confuso.

Uma longa gargalhada acompanhou o título honorífico.

— Eu não estou interessado num título inglês. E, com certeza, não quero ser a graça de ninguém.

E com isso o vigésimo primeiro Duque de Warnick, último de uma linhagem venerável e rico como um rei, desapareceu.

Bernard esperou mais uma hora no torreão de pedra e três dias inteiros na única estalagem do vilarejo próximo, mas o duque não teve interesse em falar de novo com ele.

E foi assim que, ao longo dos cinco anos seguintes, o duque raramente apareceu em Londres e, quando o fazia, ignorava tudo o que dizia respeito à aristocracia. Em poucos meses, a sociedade londrina percebeu o desdém dele e decidiu que era a própria sociedade, na verdade, que o desdenhava, e não o contrário.

Os nobres concluíram que não valia a pena desperdiçarem tempo ou energia com o Falso Duque. Afinal, o 17.º na linha de sucessão não era um duque autêntico.

Essa opinião a seu respeito agradava bastante a Alec Stuart, um escocês orgulhoso, e ele retomou a sua vida sem pensar mais nas obrigações do título. Como não era nenhum monstro, administrou as suas enormes propriedades com grande cuidado, assegurando que as pessoas que dependiam das terras ducais vivessem bem e com prosperidade. Mas evitava Londres, acreditando que, enquanto Inglaterra o ignorasse, ele podia ignorar Inglaterra.

E Inglaterra de facto ignorou-o, até ao momento em que não pôde continuar a fazê-lo.

Até ao momento em que chegou uma carta, a revelar que, além das propriedades, dos criados, das pinturas e tapeçarias que tinha herdado, além do título que ele não pretendia usar, o Duque de Warnick havia herdado algo mais.

Uma mulher.

Capítulo 1

A ADORÁVEL LILY TORNA-SE A MENINA MUSA!

Abril de 1834

Exposição da Real Academia

Casa Somerset, Londres

A menina Lillian Hargrove era a mulher mais bonita de Inglaterra.

Este era um facto empírico que não exigia qualquer confirmação de especialistas no assunto. Bastava observá-la para ter a certeza disso, para reparar na sua pele de porcelana, nas feições absolutamente simétricas, nas maçãs do rosto elevadas, nos lábios carnudos, nas orelhas bem desenhadas e no nariz, belo e reto, que evocava o melhor da escultura clássica. Some-se a isso o cabelo ruivo, não exatamente vibrante, mas de uma tonalidade dourada que lembrava o mais celestial dos crepúsculos, e os olhos cinzentos como uma tempestade de verão, e não restaria a menor sombra de dúvida.

Lillian Hargrove era perfeita.

Tão perfeita que o facto de vir do nada — Lillian não tinha título nem posição social ou dote, tendo sido encontrada, sabe Deus onde, pelo melhor artista de Londres, com quem ela não era casada — era considerado irrelevante quando ela entrava em qualquer ambiente. Afinal, nada era melhor para cegar cavalheiros (com ou sem título) do que a beleza, um facto que bastava para deixar nervosas as mães com pretensões de casar as suas filhas.

Foi por esse motivo que a metade feminina da aristocracia sentiu um enorme prazer com os eventos de 24 de abril de 1834, dia da abertura da Exposição de Arte Contemporânea da Academia Real, e também o dia em que Lillian Hargrove — atual favorita dos jornais de mexericos — se tornou um verdadeiro escândalo. E foi arruinada por completo.

Mais tarde, enquanto a mesma secção da sociedade sussurrava com fervor sobre os eventos do dia — as luvas brancas a esconder as pontas dos dedos manchadas de preto pela tinta dos jornais que elas juravam nunca ler —, a conversa terminava sempre com uma expressão horrorizada e alegre: «A pobrezinha não percebeu o que lhe ia acontecer.»

E não percebeu mesmo. Na verdade, Lily pensava que aquele seria o melhor dia da sua vida. O dia por que esperara a vida inteira — exatamente 23 anos e 48 semanas. O dia em que Derek faria o pedido.

Claro que Lily não o conhecia desde que nascera. Nada disso. Eles conheciam-se há seis meses, três semanas e cinco dias — desde a tarde do dia de São Miguel, quando Derek se aproximou enquanto ela apanhava sol em Hyde Park, num dos últimos dias quentes do ano, e lhe disse, com todas as letras, que se ia casar com ela.

— A menina é uma revelação! — exclamou ele com aquela voz fria e cortante, surpreendendo-a no meio da leitura.

Qualquer outra mulher poderia ter considerado a inesperada chegada dele motivo suficiente para a fazer perder o fôlego. Mas Lily sabia a verdade. Ele tinha-lhe tirado o fôlego porque a descobrira no seu lugar à margem da sociedade. Apesar da sua beleza, Lily vivia sozinha e ignorada pelo mundo, três vezes órfã. Primeiro do pai, um administrador de terras. Depois perdeu uma série de guardiães ducais que tiveram uma morte súbita; e, finalmente, foi vítima da negligência do atual duque.

Na sua solidão, Lily acostumou-se a ser invisível. Por isso, quando Derek Hawkins reparou nela — quando a fitou com a força plena e deslumbrante do seu olhar —, a jovem apaixonou-se no mesmo instante.

Lily fez o melhor que pôde para não parecer afetada pelas palavras dele. Afinal, não fora à toa que tinha lido todas as revistas femininas publicadas em Londres nos últimos cinco anos. Ergueu o rosto para ele e, munida do seu melhor e mais suave sorriso, disse:

— Nós não nos conhecemos, senhor.

Derek agachou-se ao lado de Lily e retirou-lhe o livro do colo, deslumbrando-a com os dentes brancos ofuscantes e com uma impertinência mais ofuscante ainda.

— Uma beldade como a senhora não devia ter tempo para livros.

Ela pestanejou, atraída por aqueles olhos azuis e frios, que estavam fixos nela como se eles os dois fossem as únicas pessoas na cidade de Londres. Em todo o mundo.

— Mas eu gosto de livros.

Ele abanou a cabeça.

— Não tanto quanto vai gostar de mim.

Ela riu-se da presunção dele.

— O senhor parece muito seguro de si.

— Eu estou é muito seguro de *si* — disse ele, erguendo-lhe a mão que repousava sobre a perna e depositando-lhe um beijo quente nos dedos enluvados. — Chamo-me Derek Hawkins. E a menina é a musa que eu procuro há muito tempo. Pretendo mantê-la comigo. Por toda a eternidade.

Ela ficou sem fôlego ao ouvir aquela promessa. E pelo modo como evocava outras promessas mais formais.

Com certeza encontrar Derek Hawkins foi um choque. Há anos que ela lia sobre ele — o homem era uma lenda, um artista e uma estrela do palco, reconhecido em toda a cidade londrina e dono de uma das mentes teatrais mais importantes da sua geração. As notícias sobre o seu talento e a sua boa aparência precediam-no — e embora Lily naquele momento não pudesse confirmar o talento, a aparência correspondia à fama.

Mas não foi a condição de celebridade de Derek que a conquistou. Afinal, ela não se deixava levar por futilidades assim tão facilmente. Lily não sonhava com um pretendente famoso; sonhava com um pretendente que lhe garantisse que nunca mais ficaria sozinha. Afinal, Lily estivera sempre sozinha.

Derek cortejou-a nos dias e nas semanas que se seguiram, interpretando o papel de cavalheiro perfeito, levando-a a festivais de outono e a eventos de inverno, e contratando até uma criada mais velha para servir de acompanhante de Lily nos passeios em público.

E, então, numa tarde gelada de janeiro, ele enviou uma carruagem para a ir buscar, e Lily foi conduzida ao seu estúdio — o seu santuário artístico. Sozinha.

Lá, numa sala inundada de sol, rodeados por dezenas de telas, Derek reverenciou-a com palavras e promessas, venerando-lhe a beleza e a perfeição, jurando mantê-la com ele. Para sempre.

As palavras — tão lindas e tentadoras, como ela sempre sonhara ouvir de um homem atraente e incrivelmente talentoso — encheram-na de mais esperança e felicidade do que Lily jamais imaginou ser possível.

Por dois meses e cinco dias, ela voltou religiosamente ao estúdio, sentando-se naquele espaço com mais do que apenas orgulho, aquecida pelo sol de inverno e pelo olhar de Derek. Ela deu-lhe tudo o que ele pediu. Porque era exatamente isso que alguém apaixonado faria.

E eles estavam apaixonados, o que era comprovado naquele momento em que os dois estavam no grande salão da Exposição Real, rodeados pela parte mais conhecida e brilhante da população de Londres. Lily estava meio passo atrás do ombro direito de Derek (onde ele preferia que ela ficasse), com um vestido amarelo-claro (com um decote um pouco maior do que Lily gostaria, mas escolhido a dedo por ele), o cabelo preso para cima num coque apertado (precisamente do modo que ele gostava).

Enquanto se dirigiam para a exposição, protegidos da chuva no interior da carruagem dele, onde as gotas marcavam o ritmo sobre o teto e os isolavam do mundo exterior, Derek pegou-lhe na mão e sussurrou:

— Hoje é o dia em que tudo vai mudar. Para sempre. Depois de hoje, tudo vai ser diferente. O meu nome será comentado em todo o mundo. E o seu também.

Lily arregalou os olhos, o coração a ressoar, pois sabia que ele só podia estar a falar de uma coisa. Casamento.

— Juntos — acrescentou ela sorrindo.

A carruagem diminuiu a marcha à medida que se aproximava da exposição. E Lily ouviu a confirmação de Derek no trovejar da tempestade lá fora. *Juntos*.

E agora lá estavam eles. Lily sentia-se mais orgulhosa do que se sentira em qualquer outro momento da vida, por aquele homem que em breve seria o seu marido e por ela própria também. Afinal, não era todos os dias que a filha órfã de um administrador de terras tinha o privilégio de aparecer diante de toda a sociedade de Londres com o homem que amava.

O salão era enorme, com paredes de seis metros de altura completamente cobertas de arte. Quase completamente, na verdade.

Um local no centro, atrás de um palco, estava oculto por um tipo de cortina, como se o que estivesse ali merecesse ser revelado de forma magnífica. Derek virou-se para ela e piscou-lhe o olho.

— Aquilo é para nós — informou ele.

Lily sorriu. *Nós*. Que palavra maravilhosa. Durante quanto tempo tinha ela sonhado fazer parte de um *nós*?

— Sr. Hawkins — O secretário da academia foi ao encontro deles no meio da sala, com um aperto de mão firme, enquanto sussurrava no ouvido de Derek: — Que bom que chegou! Estamos prontos para fazer o anúncio imediatamente, se o senhor estiver.

Derek concordou, e os lábios curvaram-se-lhe num sorriso amplo que marcava o seu triunfo.

— Estou sempre pronto para anúncios como este.

Lily passou os olhos pela sala, assimilando o tamanho da multidão, toda a gente à espera de que a exposição começasse. Reconheceu um punhado dos mais notáveis de Londres e, no mesmo instante, ficou nervosa com a ideia de estar cercada de títulos e fortunas. Ficou tensa, desejou subitamente que Derek a tivesse pedido em casamento no dia anterior, para poder estender-lhe o braço e assim apoiar-se diante da força dos olhares fixos de toda a sociedade de Londres.

— Ele trouxe aquela rapariga Hargrove. — Lily resistiu ao impulso de se virar ao ouvir o seu nome sussurrado, mas ainda assim dito suficientemente alto para que ela ouvisse. E pensou que era mesmo essa a intenção da pessoa que falou.

— É claro que trouxe — ouviu-se uma resposta mordaz. — Ele adora esse tipo de devoção. Veja como ela olha para ele. Parece um cãozinho atrás de um osso.

A primeira pessoa emitiu um som de desagrado.

— Como se não bastasse ter a aparência que tem!

Lily queria não ter ouvido aquilo, e fixou os olhos na nuca de Derek, onde o cabelo dele formava espirais perfeitas.

Aquelas pessoas não tinham importância. Só Derek importava. Apenas o futuro dos dois. Juntos. *Nós*.

— Todos sabem que qualquer pessoa com a aparência dela é um escândalo total. Não consigo acreditar que ele a trouxe. Sobretudo hoje. Há *duques* presentes no público.

— Ouvi dizer que a *rainha* talvez esteja presente no evento.

— Se isso for verdade, é uma vergonha ainda maior ela estar aqui.

— A própria amante! — As palavras saíram no meio de uma risada maldosa e satisfeita, como se elas fossem muito inteligentes por dizer aquilo. Não eram.

Lily não suportou a sugestão de que poderia ser outra coisa que não a noiva de Derek. Como se ela fosse um escândalo. E embora não fosse — embora não houvesse nada de escandaloso no amor —, sentiu um calor súbito, e as faces enrubesceram-se-lhe.

Ela virou-se para Derek, querendo que ele ouvisse o que aquelas mulheres diziam. Desejando que ele se virasse e lhes dissesse que não só estavam a dizer obscenidades, como também estavam a dizer obscenidades sobre a sua futura mulher.

Mas Derek não as ouviu. Ele já se estava a afastar dela, seguindo em direção aos degraus que levavam ao lugar onde a cortina escondia a sua obra-prima. Ele não deixou que ela visse a pintura, é claro. Podia dar azar. Mas Lily conhecia o talento dele e sabia que, qualquer que fosse a peça que escolhesse para a exposição, arrebataria toda a cidade de Londres. Ele tinha-lhe dito isso alguns minutos antes. E, quando Londres estivesse arrebatada, as mulheres atrás dela teriam de engolir as suas palavras.

Derek chegou ao centro do palco e espreitou atrás da cortina antes de se voltar para a multidão, enquanto Sir Martin Archer Shee, o presidente da Academia Real, dava as boas-vindas ao público. O discurso foi impressionante, feito com o trovejante sotaque irlandês daquele homem ilustre, e destacou a história respeitável da academia e as suas exposições.

De facto, a arte naquelas paredes era mesmo muito boa. Não era possível compará-la ao trabalho de Derek, é claro, mas era arte de qualidade. Havia várias paisagens muito bonitas.

E então chegou a hora.

— Anualmente, a academia orgulha-se de uma peça em especial... a primeira exibição de um dos artistas contemporâneos mais talentosos da Grã-Bretanha. No passado, revelámos obras notáveis de Thomas Gainsborough, Joseph Turner e John Constable, cada um mais aclamado do que o anterior. Este ano temos o orgulho de apresentar o conhecido artista dos palcos e das telas Derek Hawkins.

— Esta é a minha grande obra-prima. — Derek estufou o peito de orgulho.

Sir Martin virou-se para ele no momento do comentário inesperado.

— Gostaria de discursar agora?

— Vou falar mais depois de a pintura ser revelada — disse ele, dando um passo à frente. — Mas, para já, direi apenas que é o maior nu do nosso tempo. — Fez uma pausa. — O maior nu de *todos* os tempos.

Um silêncio abateu-se por todo o salão. Não que Lily pudesse percebê-lo com aquele ribombar que sentia nos ouvidos.

Nu. Que ela soubesse, Derek só tinha pintado um nu.

«É melhor do que Rubens», dissera ele quando ela estava estendida sobre o divã azul-cobalto do estúdio, rodeada por almofadas de cetim e tecidos exuberantes. «É mais glorioso do que Ticiano.»

As palavras não eram uma lembrança, contudo. Ele repetia-as naquele preciso momento, lançando o seu olhar arrogante para a plateia.

— Faz parecer que Ingres devia voltar para a escola. — Voltou-se para o presidente da academia. — Para a escola da Academia Real, é claro.

A presunção — um insulto a um dos maiores artistas da época — despertou a multidão, e um sussurro coletivo cresceu e tornou-se uma cacofonia, acrescentando som ao calor descontrolado que consumia Lily.

— É um ultraje — disse alguém por perto.

Derek jurara que só ele veria aquela pintura.

— Nunca ouvi tamanha presunção!

Ele prometera que mais ninguém veria.

As mulheres atrás dela voltaram a falar, sarcásticas e desagradáveis:

— É claro. Foi por isso que ele trouxe *esta mulher*.

Não podia ser o nu dela. *Não podia ser.*

— Sem dúvida — concordou alguém. — Ela é suficientemente baixa para ser a modelo.

— *Modelo* é muita gentileza. Sugere valor. Ela é demasiado insignificante para essa palavra. Só a deixaram passar por aquela porta por causa da boa vontade d...

Lily virou-se para as encarar, detendo as palavras no meio da garganta da mulher. A verdade do momento trouxe-lhe lágrimas

indesejadas aos olhos. Elas não se importavam. Fitaram-na as duas, como se ela fosse uma barata na sarjeta.

— É óbvio que o guardião dela sabe que beleza não implica valor.

Motivada pelas palavras cruéis, Lily virou-lhes as costas e afastou-se. Primeiro, apenas para sair de perto daquelas mulheres horríveis; depois para fugir do seu próprio medo. E então para impedir que Derek a desnudasse perante o mundo.

Lily abriu caminho por entre a multidão, que já estava à volta do palco e da pintura, ainda oculta. Graças a Deus! Sir Martin tinha voltado a falar, mas Lily não ouvia as palavras, estava completamente concentrada em chegar ao palco. Em chegar à pintura.

Subiu os degraus guiada por algo muito mais poderoso do que constrangimento. Humilhação. Humilhação pelo que tinha feito. Humilhação por ter confiado nele. Por ter acreditado nas palavras dele.

Por acreditar que podia ser mais do que era. Sozinha. Por acreditar na promessa de *nós*.

E então Lily chegou ao palco e Derek virou-se para ela. O salão ficou de novo em silêncio, completamente chocado com a presença dela. Com a sua invasão. O presidente da academia arregalou-lhe os olhos. Derek virou-se, com total tranquilidade, estendendo um braço em direção a ela.

— Ah! A minha musa chegou.

Foi a vez de Lily arregalar os olhos. Ele desgraçou-a. Como se lhe tivesse tirado a roupa à frente de toda a sociedade de Londres. E ainda lhe sorria, como se não percebesse o que estava a fazer.

— Minha linda Lily! A fonte da minha genialidade. Sorria, querida.

Lily nunca teria imaginado que tais palavras pudessem deixá-la tão furiosa. Não parou de andar. E não sorriu.

— O senhor jurou que ninguém veria!

A sala soltou uma exclamação em uníssono. Como se as próprias paredes tivessem voz.

— Eu não fiz nada disso — disse ele, arregalando os olhos.

Mentiroso.

— Disse que era só para si!

Ele sorriu, como se isso explicasse tudo.

— Querida, a minha genialidade é demasiado grande para que não seja partilhada. Ela é do mundo. Será sempre.

Lily olhou para a multidão, para as centenas de olhos que a fixavam com tanta força que a fizeram recuar. O constrangimento fez-lhe os joelhos cederem e o coração ribombar. Ela estava furiosa.

— Mas disse que me amava!

— Disse mesmo? — Ele inclinou a cabeça para o lado.

Lily estava deslocada. No tempo e no espaço. O corpo já não lhe pertencia. O momento já não era dela. Abanou a cabeça.

— Disse. O senhor disse! Nós dissemos. Íamos casar.

Ele riu. *Deu uma gargalhada*. O som ecoou nas exclamações e nos sussurros da multidão diante deles, mas Lily não deu atenção. A risada dele já era suficientemente mortificante.

— Minha querida... — gozou ele. — Um homem da minha estirpe não se *casa* com uma mulher do seu nível.

Derek disse aquilo à frente de toda a sociedade de Londres. Diante de todas aquelas pessoas. Lily sempre sonhou tornar-se uma delas. E ele dizia aquilo à frente do mundo em que ela sempre sonhou viver. O homem que ela sempre sonhou amar.

Mas que nunca a amou. Que, na verdade, a ultrajou.

Lily virou-se para a cortina com um objetivo claro: destruir a obra-prima dele do mesmo modo que ele a destruíra a ela. Sem se importar que toda aquela plateia visse a pintura.

Ela puxou a cortina, e o pesado veludo vermelho soltou-se com facilidade de onde estava preso — talvez devido à força da sua fúria —, revelando... a parede nua. Não havia nada ali.

Ela virou-se para o salão, onde havia risos, exclamações escandalizadas e sussurros altos como salvas de canhão que a atravessavam.

A pintura não estava ali! Ela sentiu alívio, quente e avassalador. Então virou-se para encarar o homem que amava. O homem que a tinha traído.

— Onde é que está?

Ele sorriu, com os dentes brilhantes a ofuscarem de tão brancos.

— Num lugar seguro — respondeu, com a voz trovejante, expondo os dentes ao virar-se para a plateia. — Olhem para ela! Testemunhem a sua paixão! A sua emoção! A sua beleza! E voltem aqui, dentro de um mês, no último dia da exposição, para contemplarem *tudo isto* transformado em algo ainda mais bonito, mais passional.

Os homens adultos *chorarão* com a minha obra. Como se tivessem visto a face de Deus.

Uma exclamação coletiva de deleite ecoou pelo salão. Todos pensaram que aquilo tinha sido ensaiado. Acreditaram que ela era uma atriz! Não perceberam que a vida dela estava arruinada. Não se aperceberam do coração dela esmagado debaixo da bota brilhante dele.

Não compreenderam que ela tinha sido partida ao meio diante de todos. Ou talvez tivessem percebido. E talvez fosse essa percepção que lhes proporcionava tanta alegria.

Capítulo 2

ESCOCÊS É CHAMADO AO SUL POR CAUSA DE PUPILA DESVAIRADA

*Duas semanas e quatro dias depois
Praça Berkeley*

Uma pupila. Pior, uma pupila *inglesa*. Qualquer um imaginaria que Bernard Settleworth lhe teria contado aquela particularidade.

Qualquer um imaginaria que, no meio das dezenas de casas, vintenas de veículos, centenas de empregados, milhares de arrendatários e dezenas de milhares de cabeças de gado, Settleworth considerasse importante mencionar a existência de uma única jovem.

Uma jovem que, apesar da total falta de decoro em teoria, sem dúvida desmaiaria quando estivesse frente a frente com o seu guardião escocês.

As inglesas eram especialistas em desmaios. Em 34 anos, ele ainda não tinha conhecido uma sequer que não tivesse selvagem, escandalosa e ridiculamente demonstrado esse tipo de comportamento.

Mas Settleworth não tinha mencionado a rapariga, nem mesmo de passagem com um: «A propósito, o senhor tem uma pupila e, por falar nisso, ela é bastante problemática.» Pelo menos não a mencionara até ela ser tão problemática a ponto de requisitar a presença de Alec em Londres. E então foi: *Vossa Graça* isto, e *escândalo* aquilo, e o *senhor precisa de vir o mais rápido possível para salvar a reputação desta jovem*, para fechar com chave de ouro.

E era por isso que Settleworth se considerava o melhor advogado da história. Se Alec tivesse alguma vontade de ajudar a aristocracia, teria posto um anúncio no *Notícias de Londres* para alertar toda a gente para a inépcia daquele homem.

Uma pupila devia ser o tipo de coisa que um homem precisa de saber assim que se torna responsável por ela, e não no momento em que o raio da mulher faz alguma coisa incrivelmente estúpida e acaba a precisar, urgentemente, de ajuda.

Se fosse minimamente sensato, ele teria ignorado a convocatória de Londres. Mas, pelos vistos, sensatez não era o seu forte e, assim, Alec Stuart, escocês orgulhoso e relutante vigésimo primeiro Duque de Warnick, ali estava — nos degraus do número 45 da Praça Berkeley, à espera de que alguém lhe abrisse a maldita porta.

Olhou para o relógio pela terceira vez em três minutos antes de voltar a bater à porta, despejando toda a irritação naquela placa de mogno. Quando parou de bater, virou-se de costas para a porta e observou o parque, cuidado com perfeição, cercado e verdejante, projetado para os residentes daquela zona impecável de Londres e para mais ninguém. O lugar era tão inglês que lhe dava arrepios. Maldita fosse a irmã dele.

— Uma pupila! — Catherine exultara quando soubera da notícia. — Que maravilha! E ela é glamorosa e linda?

Quando ele respondera a Catherine que a experiência de vida lhe provara que a beleza era a razão da maioria dos escândalos, e que não estava interessado em lidar com aquele, a irmã insistira que ele fizesse as malas naquele instante e manipulara-o sem qualquer dificuldade.

— Mas e se essa jovem tiver sido difamada? E se estiver totalmente sozinha? E se precisar de um amigo? Ou de um *defensor*? — Ela fizera uma pausa, piscara-lhe várias vezes os enormes olhos azuis e acrescentara: — E se fosse *eu* que estivesse no lugar dela?

Irmãs mais novas, com toda a certeza, eram uma punição por más ações em vidas passadas. E na atual.

Alec cruzou os braços à frente do peito e sentiu a lã do casaco apertar-lhe os ombros, oprimindo-o como aquela arquitetura da fachada de metal e pedra. Ele odiava aquele lugar.

A Inglaterra será a sua ruína.

Um grupo de mulheres saiu da porta ao lado, o número 44 da Praça Berkeley, e desceu os degraus até chegar a uma carruagem que aguardava. Uma jovem senhora viu-o e arregalou os olhos antes de se encolher, chocada, e desviar o olhar no mesmo instante,

sussurrando algo ao resto do grupo, que de imediato se virou em sincronia para o observar.

Ele sentiu os olhares a queimarem-lhe o rosto, que ficou ainda mais quente quando a mulher mais velha do grupo — uma mãe ou uma tia, diria ele se tivesse de adivinhar — deu a sua opinião em voz alta:

— É claro que ela teria um homem *assim* à espera para a visitar.

— Ele parece verdadeiramente animalesco!

Alec ficou petrificado no instante em que o grupo soltou uma risadinha divertida. Ignorando a onda de fúria que o inundou com o comentário, voltou a atenção para a porta. Onde diabo estavam os criados?

— Ela deve alugado os quartos da casa — disse uma das raparigas.

— E outras coisas também — ouviu-se alguém responder, de forma mordaz. — Ela é descarada o suficiente para isso.

Em que tipo de escândalo é que aquela rapariga se tinha metido? A carta de Settlesworth tinha sido extremamente superficial, desculpando-se por não o ter informado antes da existência da pupila e atirando-lhe a rapariga para o colo. «Ela está no centro de um grande escândalo. Com potencial trágico se o senhor não chegar rapidamente.»

Alec podia odiar tudo o que dissesse respeito a Inglaterra, mas não era um monstro. Não deixaria a rapariga entregue aos malditos lobos. E se aquelas lobas da casa ao lado serviam de referência, era muito bom que ele ali estivesse, pois a pobre rapariga já estava a ser atacada pelas feras. Ele sabia o que era estar à mercê de mulheres inglesas.

Resistindo ao impulso de sugerir àquelas senhoras que entrassem na carruagem e fossem todas juntas para o inferno, ergueu o punho para bater mais uma vez.

A porta foi aberta num instante e, depois de se recompor do choque inicial, Alec fitou a mulher parada diante de si, que usava o vestido cinzento mais desinteressante que ele já vira.

Alec presumiu que ela não tivesse muito mais do que 25 anos, com maçãs do rosto elevadas, pele de porcelana e lábios carnudos, um cabelo ruivo que, de algum modo, brilhava como ouro, apesar de ela estar num átrio mal iluminado. Era como se aquela mulher carregasse o seu próprio sol.

Mesmo com um vestido banal, não seria nenhum exagero dizer que ela era a mulher mais bonita da Grã-Bretanha.

Mas é claro que era. Nada seria capaz de piorar ainda mais um dia mau do que uma inglesa bonita.

— Até que enfim! — resmungou ele depois da longa espera.

A criada precisou de vários segundos para se recompor do choque e erguer até ao rosto dele os olhos antes fixos no peito, ao mesmo tempo que arqueava as sobrancelhas.

Alec estava petrificado. Os olhos dela eram cinzentos — não como ardósia nem aço, mas da cor das nuvens de tempestade mais escuras, cravejadas de prateado.

Ele ficou rígido. O casaco demasiado pequeno estava-lhe apertado nos ombros, lembrando-lhe que estava em Inglaterra e que aquela mulher, quem quer que fosse, era irrelevante no contexto dos seus problemas. A não ser pelo facto de que estava entre ele e seu retorno imediato à Escócia.

— Sugiro que me deixe entrar, menina.

A jovem franziu as sobrancelhas ruivas.

— Não vou fazer nada disso — disse ela, e fechou imediatamente a porta.

Alec pestanejou, por um instante fugaz, num misto de surpresa e incredulidade, que desapareceram quando foi acossado por uma suprema impaciência. Ele recuou um passo, avaliou a porta e, inspirando fundo, derrubou-a com o ombro.

A porta caiu no chão do átrio com estrondo. Ele não resistiu e virou-se para as mulheres da casa ao lado, agora paralisadas e de olhos arregalados em choque coletivo.

— *Animalesco* o suficiente para as senhoras?

A pergunta fê-las apressarem-se e atropelaram-se para entrar na carruagem. Satisfeito, Alec voltou a atenção para a sua própria casa e, ignorando a dor no ombro, entrou.

A criada estava lá dentro, a olhar atónita para a grande tábua de carvalho.

— O senhor podia ter-me matado!

— Duvido. Esta porta não é pesada o suficiente para matar uma pessoa.

Ela semicerrou os olhos, fitando-o.

— É o número dezoito, suponho eu.

As palavras não podiam conter mais desdém. Ignorando-as, Alec pegou na porta caída e levantou-a para tapar a entrada com ela.

— Então sabe quem eu sou — disse ele, carregando de propósito no sotaque escocês.

— Não sei se há alguém em Londres que não o reconheça. Mas é melhor aprender a falar em condições, se quiser realmente que o compreendam.

Ele arqueou uma sobrancelha diante da insolência dela.

— Não gosto que me deixem à espera à porta da minha própria casa.

O olhar dela desviou-se para a porta, arrancada das dobradiças.

— Ah, então o senhor tem o hábito de destruir as coisas que lhe desagradam?

Alec resistiu ao impulso de negar aquela afirmação. Tinha passado a maior parte da vida adulta a provar que não era indelicado, rude ou brutamontes. Mas não se defenderia perante aquela mulher.

— Eu pago muito bem para ter esse privilégio.

— Que encantador! — disse ela, revirando os olhos.

Ele controlou-se para não revelar o choque. Embora tivesse pouca experiência com criados de aristocratas, Alec tinha a certeza de que os empregados não tinham o hábito de usar a língua afiada com os patrões. Apesar de tudo, ele não mordeu o isco, preferindo analisar a casa impecável, com a ampla escadaria central, paisagens a óleo enormes e impressionantes nas paredes, um toque de dourado aqui e ali, indicando modernidade em vez de exibicionismo. Virou-se lentamente, apreciando o pé-direito alto, os espelhos enormes que captavam e refletiam a luz das grandes janelas, que banhavam todo o espaço de luz natural e permitiam ver, através da porta aberta, uma amostra do tapete grande e colorido diante da lareira acesa numa sala ao lado.

Era o tipo de casa que devia pertencer a um duque de linhagem grandiosa, sem dúvida decorada por alguma duquesa anterior.

Ele paralisou. Haveria uma duquesa anterior? Com 17 duques mortos, Alec podia apostar que devia existir mais do que apenas uma duquesa anterior.

Ele rosou ao pensar nisso. Tudo o que ele *não* precisava era de ter de lidar com uma viúva — além da pupila escandalosa e da criadagem petulante.

A criadagem em questão ouviu o rosnado de desagrado.

— Eu sabia que lhe chamavam Falso Duque, mas não pensei que seria tão...

A impertinência foi interrompida, mas Alec sabia que palavras não tinham sido ditas. *Animalesco. Rude. Grosseiro.* Perdeu a paciência.

— Sugiro que vá chamar a Lady Lillian. Agora mesmo.

— É menina Hargrove. Ela não é nobre.

Ele levantou uma sobancelha.

— Estamos em Inglaterra, não é? As regras mudaram? As pessoas, corajosamente, corrigem um duque, agora?

— Eu corrijo quando o duque em questão está errado — rebateu ela. — Mas não se preocupe, porque poucas pessoas vão compreender esse seu sotaque monstruoso para saber se o que disse é certo ou errado.

— A senhora parece conseguir compreender-me o suficiente.

— Que sorte a minha, suponho eu. — Ela sorriu, demasiado afetada.

Alec resistiu ao impulso de rir da resposta afiada. A mulher não era engraçada. E estava a alguns instantes de ser demitida.

— E quanto ao respeito que o título exige?

— É manifestado pelas pessoas que se impressionam com esse título, imagino eu.

— E você não se impressiona?

Ela cruzou os braços.

— Sinceramente, não.

— Posso perguntar porquê?

— Tivemos 18 duques em cinco anos. Ou, para ser mais precisa, 17 em duas semanas, seguidos por Vossa Graça durante cinco anos. E, apesar de esta ser a primeira vez que põe os pés nesta casa, ela — e tudo o que há cá dentro — pertence-lhe. E é cuidada para o senhor. Na sua ausência. Se isso não é prova de que títulos são ridículos, não sei o que mais poderá ser.

A rapariga não tinha dito nada com que ele não concordasse, mas isso não significava que ela não fosse irritante — assim como a outra mulher que morava naquela casa.

— Embora a sua insubordinação seja impressionante e eu não discorde por completo da sua lógica, estou farto — disse Alec.

— Pretendo falar com a menina Lillian, e a sua obrigação, quer goste quer não, é ir chamá-la.

— Porque é que o senhor está aqui?

Alec deixou um silêncio pesado abater-se sobre eles durante um minuto inteiro, tentando intimidá-la para que fizesse o que ele pedia.

— Vá chamar a sua patroa.

Mas ela não ficou nem um pouco intimidada.

— Acho engraçado que se refira a ela como a patroa desta casa — retorquiu a rapariga. — Como se ela não fosse uma prisioneira deste lugar.

Foi então que ele percebeu. A sua pupila não era mulher de desmaiar, afinal.

Antes de ele poder falar, contudo, ela continuou:

— Como se ela não fosse apenas um item do inventário, como a porta que o senhor destruiu sem motivo, só porque é um escocês brutamontes.

Ele não queria ouvir aquela palavra. Mas ali naquela situação, parado diante daquela inglesa impecável, naquela casa londrina impecável, situada naquele parque inglês impecável, com um casaco desconfortável, mal cabendo no vão da porta que tinha deitado abaixo, sentindo-se grande e deslocado, ele não pôde fazer nada senão ouvi-la. Não pôde deixar de sentir o seu significado, preciso e perturbador, como o plastrão que tinha apertado ao redor do pescoço.

Com que frequência ouvia ele aquela palavra dita por mulheres bonitas? Sussurrada com admiração, como se elas estivessem demasiado ocupadas a imaginar como seria tê-lo na cama para guardarem os seus pensamentos mais íntimos para elas próprias. Quando aparecia um homem do tamanho dele, as mulheres costumavam desejá-lo como se fosse um prêmio. Um touro numa feira do interior. Imenso e animalesco.

A palavra valorizava o desejo delas, embora aviltasse o dele.

Assim como o aviltou na boca da própria mãe, marcando o arrependimento dela como se o tivesse insultado com aquela palavra — sempre demasiado grande para ela o considerar bom. Demasiado grande para ser digno. Demasiado rude. Demasiado *escocês*.

Uma lembrança demasiado grande da vida decepcionante que a mãe teve.

Ela odiava o tamanho do filho. A sua força. A sua semelhança com o pai. Ela odiava tanto tudo aquilo que, quando se foi embora, deixou a palavra como presente de despedida para o seu único filho.

Brutamontes.

E, então, quando ele a ouviu ali, naquele lugar, nos lábios de outra inglesa bonita, dita com o mais completo desdém, ele não conseguiu ignorá-la. Assim como não foi capaz de evitar a retaliação.

— Não estava à espera de que fosse bonita.

— Esse adjetivo não parece um elogio na sua boca. — Ela semi-cerrou os olhos.

Alec não pôde conter a visão daquela mulher estonteante deitada numa cama, o cabelo espalhado como fogo e ouro sobre lençóis brancos, as pernas longas convidativas, os lábios rosados entreabertos. Foi atravessado por um desejo ardente como uma dor, e foi obrigado a lembrar-se do seu lugar naquela situação. Ele era o guardião daquela rapariga. E ela era a sua pupila. E *inglesa*, ainda por cima. *Ela não servia para ele.*

— E não é — disse ele. — Só torna mais provável que você tenha conseguido.

Os olhos dela eram magníficos, mais expressivos do que ele jamais teria imaginado, e foram preenchidos no mesmo instante pela dúvida.

— Conseguido o quê?

— Que tenha conseguido arruinar-se.

A raiva deu lugar a outro sentimento, que desapareceu com tanta rapidez que Alec não o teria reconhecido se não lhe fosse tão insuportavelmente familiar. *Vergonha.*

Diante da vergonha dela, do modo como refletia a sombra da sua própria, ele lamentou aquelas palavras. E desejou nunca as ter dito.

— Eu não devia ter... — arrependeu-se Alec.

— Porque não? É verdade.

Ele observou-a por um longo momento... assimilando a coluna ereta, os ombros arqueados, a cabeça erguida. A força que ela não devia ter, mas que, mesmo assim, exibia com honra.

— É melhor começarmos de novo — disse Alec.

— Eu preferia que nem tivéssemos começado — respondeu ela, e virou-lhe as costas, deixando-o no átrio de entrada sem nada para

lhe fazer companhia a não ser os sons do parque mais à frente, que entravam pelo vão da porta destruída.



Lily precisava tanto da ajuda do Falso Duque como de um buraco na cabeça. Fechou a porta da sala de estar e encostou a cabeça nela, soltando um longo suspiro, desejando que o escocês fosse embora de casa e que desaparecesse da vida dela. Afinal, ele não tinha manifestado qualquer interesse por ela nos últimos cinco anos.

Mas, é claro, ele *tinha* de estar ali naquele momento, arrombando literalmente a porta da sua casa, como se pudesse irromper como um rei vingador, como se tivesse direitos sobre ela e sobre o seu escândalo. *E, de facto, tinha.*

Maldito seja Settlesworth e a sua mania de escrever cartas. E maldito seja o duque por aparecer daquela maneira, sem ser convidado. Sem ser bem-vindo.

Lily tinha um plano que não precisava do duque. Ela não deveria tê-lo provocado, não devia tê-lo insultado. Na verdade, não se conseguem atrair moscas com vinagre, e o duque era uma mosca bem gorda.

Ela atravessou a sala até ao aparador, na outra extremidade. *Gorda, não.* E serviu um copo com o líquido âmbar que havia ali.

Era forte. Lily jamais conseguiria esquecer a imagem da grande porta de carvalho a soltar-se das dobradiças como se fosse feita de papelão. E imaginava que nunca deixaria de ficar sem fôlego ao ver aquele homem enorme, do tamanho de uma casa, e demasiado atraente, parado a observar a destruição que causara, emoldurado pela luz do Sol como se o próprio céu o tivesse enviado.

Ela interrompeu-se. Quantos disparates! Estava presa em casa há duas semanas e quatro dias, a esconder-se de Londres; certamente, tinha ficado inebriada pela entrada súbita de ar fresco provocada pela porta a ser derrubada. Só isso já seria suficiente para deixar qualquer mulher abalada. Ainda mais uma mulher que já tinha sido enganada por homens atraentes.

Lily não tinha qualquer interesse naqueles ombros largos, nos olhos castanhos ou nos lábios carnudos, que pareciam ao mesmo tempo macios, firmes e demasiado tentadores. E nem tinha reparado

nas maçãs do rosto, no nariz ou no maxilar, tão fortes que pareciam ter sido esculpido em ferro pelo mais talentoso dos ferreiros escoceses.

Ela bebericou o whisky que tinha servido.

Não, a única coisa que ela desejava do Duque de Warnick era que se fosse embora.

— Lillian. — Ela virou-se para ver o objeto da sua falta de interesse parado junto à porta agora aberta. O olhar dele desceu até o copo nas mãos dela. — São dez e meia da manhã.

Ela voltou a beber, decidida. Se havia uma hora para beber, era aquela.

— Vejo que sabe como funcionam as portas — provocou-o ela, em resposta à crítica implícita nas palavras dele.

Ele ergueu uma sobrancelha e observou-a por um longo momento antes de voltar a falar.

— Já que nos estamos a embebedar, também aceito um copo.

Ela virou-se de costas e serviu um segundo copo. Quando se virou para lhe entregar a bebida, percebeu que ele já tinha atravessado a sala em silêncio. Lily resistiu ao impulso de se afastar dele. O duque era demasiado grande. Demasiado dominante. Demasiado *atraente*.

— Obrigado — disse ele ao pegar no copo.

— A bebida é sua. Fique à vontade.

Ele não bebeu. Em vez disso, afastou-se em direção à lareira, onde admirou uma grande pintura clássica de um homem nu que dormia à sombra de um salgueiro, sendo observado por uma mulher linda enquanto a alvorada se espalhava pelo céu. Lily rangeu os dentes, também a perscrutar a pintura. Um nu. Perturbador ao lembrá-la de...

— Vamos falar sobre o escândalo? — perguntou ele.

Não. As faces dela arderam. Ela não gostou daquilo.

— Há algum escândalo?

— Diga-me você. — Ele virou-se para ela, inquiridor.

— Bem, eu imagino que a notícia sobre o modo como derrubou a porta em plena luz do dia se vá espalhar.

Algo brilhou nos olhos dele. Algo parecido com diversão. Ela também não gostou daquilo.

— É verdade, menina?

Naquele momento, naquelas três simples palavras, ditas naquele sotaque escocês carregado, caloroso, rude e quase mais gentil do que podia suportar, ela desejou estar em qualquer lugar, mas não ali. Porque aquela foi a primeira vez que alguém lhe fez aquela pergunta. Mas foi a milésima vez que ela desejou que a resposta fosse diferente.

— Eu acho que se devia ir embora.

O duque ficou parado por um longo momento antes de reagir.

— Estou aqui para ajudar — disse, por fim.

Ela riu-se, mas não havia humor naquele riso.

— É impressionante, Vossa Graça, como o senhor consegue parecer um guardião interessado no meu bem-estar.

— Eu vim logo que soube do seu problema.

Aparentemente, ela tinha-se tornado uma lenda.

— A notícia foi buscá-lo à Escócia?

— A experiência ensinou-me que os boatos são rápidos como relâmpagos.

— E o senhor tem muita experiência com boatos?

— Mais do que eu gostaria de admitir.

Lily percebeu que havia verdade naquilo.

— E os seus boatos eram verdadeiros?

Ele ficou em silêncio tempo suficiente para fazer Lily pensar que ele não ia responder, pelo que foi um choque enorme quando ele admitiu:

— Sim.

Nunca, em toda a sua vida, uma única palavra a tinha deixado tão curiosa. Mas é claro que devia ser algum disparate sem importância. Qualquer que fosse o escândalo dele não era como o dela. Não o tinha destruído. Não o obrigara a fugir. Ela encarou-o.

— E agora? Veio para tratar da sua reputação?

— Eu não quero saber da minha reputação. Estou aqui para cuidar da sua.

Aquilo era mentira. Jamais alguém se tinha preocupado com a reputação de Lily — não desde a morte do pai dela. Ela nunca tivera uma benfeitora ou uma amiga. *Nunca tivera um amor.*

O pensamento veio com lágrimas abrasadoras, indesejáveis e irritantes, que arderam ao ameaçarem transbordar. Ela inspirou fundo e voltou-se para o aparador, decidida a impedi-lo de a ver chorar.

— Porquê?

— *Porquê?* — repetiu ele, franzindo a testa.

— O senhor nem me conhece.

— Porque você é responsabilidade minha — disse ele, depois de hesitar por um instante.

Ela riu-se e, sem conseguir resistir, voltou-se para ele.

— O senhor nunca se interessou por mim. Nem sequer sabia que eu existia, ou sabia? — Ela viu a culpa nos olhos dele. A verdade que havia ali. — Imagino que essa possibilidade seja melhor do que a outra.

— Que é qual?

— Que o senhor sabe de mim há anos e resolveu apenas ignorar a minha existência.

Ele não teria sido o único.

— Se eu soubesse... — começou, mas parou de falar.

— O quê?! Teria vindo a Londres há anos? Teria assumido imediatamente o papel de meu guardião e salvador?

O duque remexeu-se, desconfortável, e Lily sentiu uma ponta de arrependimento, sabendo que ele não merecia as acusações. Mordeu a língua, recusando-se a pedir desculpa. Desejando que ele fosse embora. Desejando que ele nunca tivesse vindo... Se os desejos valessem alguma coisa.

— Eu não sou um monstro — respondeu ele, por fim. — Eu não pedi esta responsabilidade, mas teria assegurado que fosse bem tratada, sem hesitar.

Era sempre assim. Promessa de dinheiro, abrigo e comida. Uma promessa de tudo o que fosse fácil. E uma escassez de tudo o que tinha valor.

Ela estendeu a mão para indicar a linda casa.

— Eu estou a ser muito bem tratada. Olhe que linda gaiola que eu tenho! — Ela não esperou que ele respondesse. — De qualquer modo, não importa. Receio que esteja muito atrasado. — Ela passou por ele e continuou: — Não preciso de um guardião nem de um salvador. Na verdade, se os últimos anos me ensinaram alguma coisa, é que o melhor que posso fazer é salvar-me a mim mesma. Ser a minha própria guardiã.

Ele não respondeu até ela chegar à porta da sala de estar.

— A menina é mais velha do que eu esperava.

Ela parou e voltou-se para ele.

— Desculpe?

— Quantos anos tem? — perguntou ele sem se mover.

Ela devolveu-lhe a pergunta impertinente.

— Quantos anos tem *o senhor*?

— Tenho idade suficiente para saber que é mais velha do que uma pupila devia ser.

— Se, há muito tempo, o senhor não tivesse tão pouco interesse pela sua pupila, talvez soubesse a resposta a essa pergunta.

— Não leve isso para o lado pessoal.

— O quê? O seu velho desinteresse?

— Agora que eu sei que você existe, percebo que estou muito interessado.

— Imagino que esteja, agora que sou uma criatura em exibição, que pode servir de alerta a todas as outras.

Ele levantou uma sobrancelha escura e cruzou os braços sobre o enorme peito.

— Há segundos a menina era um pássaro numa gaiola.

— Está interessado em metáforas? — replicou ela, num tom inquisidor.

Ele respondeu ser hesitar:

— Não, é em si que eu estou interessado.

As palavras aqueceram-na. Não que devessem tê-lo feito.

— É uma pena, porque eu não estou interessada no senhor.

— Deveria estar. Pelo que sei, os guardiões têm um certo controle sobre as suas pupilas.

— Sou uma pupila do ducado de Warnick. No seu lugar eu não seria tão possessivo.

— Eu não sou um Warnick?

— Talvez não por muito tempo. Vocês, duques, têm o hábito de morrer.

— Imagino que gostava que isso acontecesse...

— Uma mulher pode sonhar...

Ele curvou os lábios num quase sorriso ao ouvir aquilo e, se dissesse a verdade, Lily teria admitido que gostou de ter dito algo que o divertiu. Contudo, ela não estava interessada na verdade.

— Bem, mas eu ainda não estou morto, Lillian. Por isso, por enquanto, está presa a mim. E é melhor responder às minhas

perguntas. — Ele fez uma pausa e repetiu a questão: — A menina é bastante crescida para ser uma pupila, não?

É claro que era. Lillian tinha-se perdido naquela desordem toda. O pai morrera e tinha-a deixado aos cuidados do duque. Esteve tudo bem durante vários anos, até o duque morrer. E outros 16 morrerem também. E então aquele homem — aquele escocês lendário que desprezava tudo o que fosse de Inglaterra e que nunca aparecera no Parlamento para receber as suas cartas-patentes — tornou-se responsável por ela.

E Lily foi esquecida. Sem dote. Sem temporada na sociedade. Sem amigas.

Ela olhou para ele, desejando encontrar uma forma de dizer tudo aquilo ao duque, uma forma de o fazer entender o papel que desempenhara na loucura que tinha sido a vida dela, sem ter de se lembrar de tudo. Como não encontrou, contentou-se em concordar.

— Sim, sou.

Então sentou-se numa bela cadeira Chippendale, a observá-lo a perscrutar os seus movimentos. Como se tentasse compreendê-la, como se analisá-la por tempo suficiente levasse Lillian a revelar-se.

A ironia era que, se ele tivesse feito o mesmo um ano antes, ela poderia realmente ter-se revelado. Ela poderia ter-se aberto com ele e respondido a todas as suas perguntas, expondo-a.

O pensamento fez com que os lábios dela se curvassem num sorriso triste. Era provável que se tivesse exposto de todas as formas. Ainda bem que ele estava um ano atrasado e que ela tinha mudado por completo.

— Sou pupila do ducado até me casar.

— Porque é que não se casou?

Ela arregalou os olhos.

— Muita gente consideraria essa pergunta inconveniente.

Ele arqueou as sobrancelhas e indicou a porta de casa.

— Pareço-lhe ser o tipo de homem que se preocupa com o que é conveniente?

Não, claro que não. Havia uma série de razões pelas quais ela continuava solteira. Razões que incluíam ser órfã, ignorada e estar sozinha, e também ter-se apaixonado loucamente pelo homem errado. Mas ela não lhe ia revelar as suas razões. Por isso, contentou-se com uma verdade mais simples, mas não menos honesta.

— Nunca me pediram em casamento.

— Isso parece impossível.

— Porquê?

— Porque os homens adoram mulheres como a menina.

Mulheres como ela. Lillian ficou petrificada. Aquele homem fazia a beleza dela parecer um fardo.

— Cuidado. Os seus elogios ainda me deixam convencida, Vossa Graça.

Ele sentou-se, encolhendo-se numa cadeira igual à dela, o seu corpanzil fazendo-a parecer minúscula.

— Alec.

— Perdão?

— Pode chamar-me Alec.

— Embora isso possa ser comum em alguma selva da Escócia, Vossa Graça, é absolutamente inadequado por aqui.

— Está outra vez preocupada com o que é ou não adequado — disse ele. — Tudo bem. Pode chamar-me Stuart, então. Ou qualquer um dos outros adjetivos em que, de certeza, está a pensar agora. Prefiro qualquer um deles a que me chamem duque.

— Mas o senhor é um duque.

— Não por minha escolha. — Ele bebeu o líquido âmbar e fez uma careta depois de o engolir. — Céus! Isto é muito mau! — Ele despejou o resto do líquido na fogueira.

Ela arregalou os olhos ao ver a cena.

— O senhor desdenha o título e o whisky que o acompanha.

— Em primeiro lugar, isto nem sequer se devia chamar whisky. É combustível para lamparinas, na melhor das hipóteses. — Fez uma pausa. — Em segundo, eu não desdenho o título; apenas não gosto dele.

— Sim, pobre homem explorado. Atiraram-lhe com um dos ducados mais ricos e veneráveis da história. Como deve ser difícil viver essa vida horrorosa e aristocrática... — Ele não fazia ideia do poder que possuía. Dos privilégios. Do que ela faria para ter o mesmo.

Alec recostou-se na cadeira.

— Eu gasto o meu próprio dinheiro, conquistado honestamente na Escócia. Assegurei que os arrendatários e os empregados que dependem do ducado continuem a prosperar, mas, como não pedi o título, não interajo com os seus despojos.

— Nos quais eu estou incluída. — Ela não conseguiu evitar o comentário.

— Estou aqui, não estou? Convocado a Inglaterra pela minha pupila. Isso deve valer alguma coisa.

— Eu não o convoquei.

— Pode não ter posto as palavras no papel, menina, mas convocou-me como se tivesse gritado o meu nome na fronteira.

— Como já disse, não preciso de si.

— Ouvi dizer que o mundo inteiro discorda.

— Que se dane o mundo! — retrucou ela, voltando a atenção para o fogo antes de acrescentar: — Que se dane o senhor também!

— Estou aqui para a salvar. Imaginei que fosse muito mais grata. A arrogância do homem era notável.

— Como foi que eu tive tanta sorte?

Alec suspirou ao perceber o sarcasmo na voz dela.

— Apesar da sua insolência, estou aqui para corrigir a sua suposta... — Ele procurou uma palavra adequada. — ... *situação*.

— A minha insolência?! — repetiu ela, franzindo uma sobran-celha.

— Não concorda?

Ela não concordava, com certeza.

— Uma *criança* age com insolência quando lhe negam doces.

— Como se descreveria, senão como insolente?

Furiosa. Insensata. Irritada. Desesperada. *Envergonhada*.

— Não importa — disse por fim. — É um pouco tarde para isso.

— Depois de uma pausa, acrescentou, contundente: — Eu tenho um plano, e o senhor não faz parte dele, *duque*.

Alec olhou de lado para ela.

— Eu não lhe devia ter dito que não gosto do título.

— Nunca revele a suas fraquezas ao inimigo.

— Somos inimigos, então?

— Certamente não somos amigos.

Lily percebeu a frustração dele.

— Estou cansado disto. Porque é que não começamos de novo? Settlesworth contou-me que a menina se arruinou à frente de toda a sociedade de Londres.

Aquelas palavras... não importava a frequência com que pensava nelas, ainda feriam quando vinham da boca de outras pessoas.

Ela foi tomada pela vergonha e fez o possível para não o demonstrar. Mas falhou.

— Porque a ruína é minha e não... — Ela hesitou.

Ainda assim, ele ouviu o resto da frase.

— Então há um homem.

— Não precisa de fingir que não sabe — disse ela, encarando-o.

— Não estou a fingir — replicou ele. — Settlesworth deu-me pouquíssimas informações, mas eu não sou idiota e, olhando para si, é evidente que há um homem envolvido.

— Olhando para mim... — Ele não fazia ideia de como aquelas palavras a tinham magoado.

Alec ignorou a reação dela.

— Afinal não se arruinou, e sim foi arruinada.

— O senhor está a comparar seis com meia dúzia — murmurou ela em resposta.

— Não — disse ele com firmeza. — São coisas bem diferentes.

— Não para as pessoas que importam.

— O que é que aconteceu? — perguntou ele após um instante.

Ele não sabia... Era inacreditável! Aquele duque não sabia o que ela tinha feito, como se tinha envergonhado. Só conhecia as palavras vagas de um advogado e os limites da sua própria imaginação. E nessas palavras vagas ela continuava, de algum modo, livre do passado.

E embora ela soubesse que era apenas uma questão de tempo até ele ficar a saber do escândalo da Linda Lily, da Lastimável Lily, da Lily Solitária, ou qualquer outra alcunha que os jornais de escândalos julgassem inteligente no dia, ela não quis que ele soubesse. E por isso não lhe contou.

— Isso importa? — perguntou-lhe.

Alec encarou-a como se Lily fosse louca.

— É claro que importa!

— Não importa, não. — Respondeu ela, abanando a cabeça. — Não de verdade. A única coisa que importa é o que as pessoas acreditam ser a verdade. É assim que um escândalo funciona.

— Os factos importam, Lillian. Conte-me o que aconteceu. Se estiverem a fazer com que a situação pareça pior do que realmente é, vou inundar Londres com a verdade.

— Que sorte a minha! Tenho um guardião e um herói na mesma pessoa — retorquiu ela, instilando sarcasmo nas palavras com

a esperança de o irritar e assim fazer com que abandonasse o interrogatório.

Então, ele sussurrou alguma coisa em gaélico, que ela não compreendeu, mas que identificou de imediato como uma imprecação. Alec puxou o plastrão, demasiado apertado no pescoço, tal como o casaco também estava demasiado apertado nos ombros e as calças, nas coxas. Tudo naquele homem era maior do que devia ser. Talvez fosse por isso que ele soube, no mesmo instante, a verdade sobre ela. Por isso ele via os defeitos dela com tanta clareza. Defeitos veem defeitos.

— Nós não vamos conseguir resolver a situação se eu não souber dos pormenores — disse ele, já não em gaélico.

— Não existe *nós*, Vossa Graça — asseverou ela, firme e cheia de convicção. — Até ontem o senhor nem me conhecia.

— Mas vou conhecer já, menina.

Mas não por ela. Era ridículo, mas era importante. Porque, de algum modo, isso significava que, com ele, Lillian podia ser alguém que não era como os outros.

— Não precisa de se preocupar com nada — continuou ela. — Dentro de dez dias a minha *situação* será resolvida.

De um modo ou de outro... Se ela repetisse aquilo muitas vezes, talvez alguém acreditasse. Talvez ela mesma acreditasse.

— O que é que vai acontecer dentro de dez dias?

A pintura será revelada. Mas não é só isso.

— Eu faço 24 anos.

— E? — Alec inclinou o corpo para a frente, ainda sentado, os cotovelos apoiados nos joelhos e os dedos entrelaçados.

E a pintura será revelada. Diante de toda a cidade de Londres. Lily olhou para ele, ignorando o próprio pensamento. Isso não importava. Ela tinha um plano.

— E, de acordo com as regras da minha tutela, eu receberei dinheiro suficiente para deixar Londres, e o meu escândalo, para trás.

Ele franziu o sobrolho.

— Deve ser uma boa quantia, menina. Para conseguir apagá-la da memória de todos.

— Ah, mas é — ela concordou. — Vou poder ir embora de Londres e nunca mais voltar. Então, como pode ver, Vossa Graça —

disse ela, fazendo a voz parecer triunfante —, eu tenho um plano para me salvar. Não preciso de um guardião. Planeio fugir.

Ela detestava aquele plano. E detestava-o porque permitia a vitória de Derek. A vitória de Londres. E deixava a vida que ela sempre desejou fora de alcance. Mas não tinha escolha, não havia outra maneira de sobreviver àquele escândalo que a marcaria para sempre.

Alec observou-a por um longo momento antes de concordar com a cabeça e de se recostar na cadeira, fazendo a mobília parecer de miniatura, devido ao seu tamanho.

— Esse é um modo de se salvar.

— Um modo... — Ela não gostou de como aquilo soou.

— Ama-o?

— O quê?! — Ela ficou pálida ao ouvir a pergunta.

— O sujeito. Se o ama?

— Eu não concordei que havia um homem envolvido.

— Há sempre um homem envolvido, menina.

Nós íamos casar-nos... As lágrimas voltaram. Quentes e furiosas. Instantâneas e indesejadas. Lillian desejou que desaparecessem.

— Não vejo como isso seja da sua conta.

Eu queria não amá-lo. Eu queria nunca o ter encontrado. Eu queria... Eu queria não estar tão envergonhada.

Alec aquiesceu, como se ela lhe tivesse respondido. Como se uma decisão tivesse sido tomada.

— Isso basta, então.

Uma decisão, de algum modo, foi tomada. Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Basta?

Ele levantou-se, enorme como era e, de repente, muito mais imponente — mais até do que quando arrancou a porta das dobradiças. Como se ele fosse o rei dela, e não apenas um homem que acabara de a conhecer. E, quando ele falou, foi com uma certeza tão determinada que fez Lillian — por um segundo — acreditar nas palavras dele.

— Não precisa de fugir.

«Com uma deliciosa sensualidade, descrições perspicazes e inteligência refinada, esta história profunda e maravilhosamente escrita irá cativar o leitor do início ao fim.»

Library Journal



Lillian Hargrove, a mais bela jovem de Inglaterra, viveu sozinha durante anos, ansiando por amor e companhia. Começando a perder a esperança de um dia os seus sonhos se tornarem realidade, Lily envolve-se com um artista libertino e mentiroso, que lhe pede que pose nua para ele. Ao aceitar a proposta, acaba por se expor perante toda a sociedade, tornando-se motivo de escárnio e vergonha.

Mas Lily não esperava que um escocês, recentemente intitulado Duque de Warnick e nomeado seu guardião, atravessasse a fronteira de Inglaterra para impedir que a ruína a alcançasse. Warnick tem um único objetivo: casar a sua protegida, passando o problema para outra pessoa, e, em seguida, voltar à sua vida tranquila na Escócia, longe daquele país que tanto abomina.

O plano parece simples. Até Lily declarar que só se casará por amor, e o duque escocês perceber que, aparentemente, há algo naquele país de que ele, afinal, gosta bastante...



APAIXONE-SE PELOS OUTROS ROMANCES DA AUTORA:



<p>TOPSELLER os livros em primeiro lugar 2020 editora</p>	<p>ISBN 978-989-8917-50-8  9 789898 917508 Ficção Romântica</p>
--	--